



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS – *CAMPUS XVI*
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

PAULO PEREIRA DA SILVA

**FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOA DO ZECA (CANARANA, BAHIA)**

Irecê – BA
2025

PAULO PEREIRA DA SILVA

**FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOA DO ZECA (CANARANA, BAHIA)**

Artigo apresentado a Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – *Campus XVI*, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Jacson Baldoino Silva.

Irecê – BA
2025

PAULO PEREIRA DA SILVA

**FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOA DO ZECA (CANARANA, BAHIA)**

Artigo apresentado à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – *Campus XVI*, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Aprovada em 16 junho de 2025.

Prof. Me. Jacson Balduino Silva
Universidade do Estado da Bahia – *Campus XVI*
Orientador

Profa. Dra. Dayane Moreira Lemos
Universidade do Estado da Bahia – *Campus V*
Membro Externo

Prof. Dr. Adilson Silva de Jesus
Universidade do Estado da Bahia – *Campus XVI*
Membro Interno

À minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus Pai por ter me dado força, sabedoria e paciência nessa longa jornada. Sem o amor de Deus eu não seria nada, a Ele toda honra e toda glória.

Agradeço a todos meus familiares, em especial à minha querida esposa, Nayara de Andrade Matias, e ao meu amado filho, Théo Medeiros da Silva. Esse trabalho só foi possível porque vocês estiveram em meus pensamentos à cada momento.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Me. Jacson Baldoino Silva, que me deu todo o suporte necessário para a realização dessa pesquisa. Sem a sua orientação, dedicação e paciência não seria possível a realização dela.

Agradeço também à minha amiga, Camila de Jesus Barreto, que foi especial durante minha formação acadêmica, entre tantos trabalhos, apresentações e estágios sempre estivemos juntos.

Não poderia deixar de agradecer à Prof. Dra. Dayane Lemos, uma pessoa que tem uma importância muito grande em minha vida dentro e fora da universidade.

Por fim, agradeço também a todo o corpo docente da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XVI (Irecê-Bahia)*.

A fotografia é um traço da realidade, um
fragmento recortado em determinado tempo e
espaço. Ela congela para a eternidade aquilo que
foi efêmero.

Dubois

FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOA DO ZECA (CANARANA-BAHIA)

Paulo Pereira da Silva

Jacson Baldoino Silva

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar como a fotografia pode atuar como ferramenta de documentação sócio-histórica, ajudar a sociolinguística e como instrumento de valorização da identidade cultural da comunidade quilombola de Lagoa do Zeca, localizada no município de Canarana (Bahia). A pesquisa fundamenta-se nos princípios da Sociolinguística (Labov, 2008) e consiste na produção e na análise de um arquivo fotográfico realizado pelo próprio autor — membro da comunidade. O estudo investiga como os registros visuais capturam práticas culturais, tradições, artefatos, espaços e marcas linguísticas que, em muitos casos, não encontram espaço na documentação escrita ou oral tradicional. A fotografia, nesse contexto, revela-se não apenas como ilustração, mas como evidência visual de práticas africanizadas e afrodescendentes, permitindo identificar elementos socioculturais que sustentam a classificação da comunidade como [+africanizada], conforme os critérios propostos por Santana, Araujo e Freitag (2018a, 2018b). A metodologia inclui observação participante e registro e análise fotográfica em diálogo com autores como Albuquerque e Klein (1987), Labov (2008), Santana, Araujo e Freitag (2018a, 2018b) e Koutsoukos (2020). Os resultados demonstram que a fotografia fortalece os processos de reconhecimento étnico-racial, contribui para o registro sociolinguístico da comunidade e atua como documento de resistência frente ao apagamento histórico e cultural. Conclui-se que os registros visuais analisados contribuem significativamente para a preservação da memória e da identidade quilombola, ampliando as possibilidades metodológicas da Sociolinguística.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; documentação; sócio-histórica; comunidades quilombolas; sociolinguística.

ABSTRACT: This study aims to analyze how photography can serve as a tool for socio-historical documentation and as a means of valuing the cultural identity of the quilombola community of Lagoa do Zeca, located in the municipality of Canarana (Bahia, Brazil). The research is grounded in the principles of Sociolinguistics (Labov, 2008) and involves the production and analysis of a photographic archive created by the author himself—a member of the community. The study investigates how visual records capture cultural practices, traditions, artifacts, spaces, and linguistic markers that often go undocumented in traditional written or oral records. In this context, photography emerges not merely as illustration, but as visual evidence of Africanized and Afro-descendant practices, allowing the identification of sociocultural elements that support the classification of the community as \[+Africanized], according to the criteria proposed by Santana, Araujo, and Freitag (2018a, 2018b). The methodology includes participant observation and photographic documentation and analysis, in dialogue with authors such as Labov (2008), Albuquerque and Klein (1987), Koutsoukos (2020), and especially Santana, Araujo, and Freitag (2018a, 2018b). The results show that photography reinforces processes of ethnic-racial recognition, contributes to the sociolinguistic documentation of the community, and acts as a document of resistance against historical and cultural erasure. It is concluded that the visual records analyzed significantly contribute to the

preservation of quilombola memory and identity, while expanding the methodological possibilities of Sociolinguistics.

KEYWORDS: photography; socio-historical documentation; quilombola communities; sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

A fotografia desempenha, ao longo da história e do tempo, um papel fundamental como instrumento de registro e preservação de memórias culturais, mas é pouco utilizada pela Sociolinguística Variacionista com esse objetivo, principalmente em comunidades quilombolas – apesar de ser comum em outras áreas (Santana, 2008; Mota; Silva, 2011; Koutsoukos, 2020). Esses registros, mais do que capturar momentos, se configuram como uma ferramenta poderosa para contar as diferentes sócio-histórias das comunidades, ressignificar identidades e reforçar valores culturais e sociais – que fazem parte do reconhecimento desses grupos enquanto quilombolas (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b).

Portanto, compreendemos que, além das clássicas entrevistas, no contexto das comunidades afrodescendentes, como a de Lagoa do Zeca, que fica localizada na cidade de Canarana (Bahia), a fotografia pode ser utilizada como um recurso essencial no processo de documentação sócio-históricas, funcionando como um elemento que permite a sua (re)construção identitária, além de possibilitar o registro visual das tradições, dos costumes, das práticas culturais, da culinária típica, dos períodos antigos; ou seja, arquivo visual de elementos que geralmente aparecem nas narrativas que são transmitidas oralmente e que, sem esse registro, correm o risco de se perderem com o tempo, no que se refere à questão visual.

A fotografia, enquanto registro visual da realidade, constitui um recurso valioso para os estudos sociolinguísticos, sobretudo por sua capacidade de capturar os contextos sociais nos quais a linguagem é produzida, interpretada e transformada. Ao “congelar” momentos específicos da vida cotidiana, a imagem fotográfica revela aspectos que vão além da oralidade, permitindo a análise de elementos como gestos, expressões faciais, vestimentas, espaços urbanos e objetos que compõem o cenário comunicativo e identitário da comunidade.

Na perspectiva da sociolinguística, que se dedica a investigar a variação e o uso da linguagem em diferentes grupos sociais, a fotografia pode funcionar como uma ferramenta complementar à pesquisa sociolinguística. Por meio dela, é possível observar indícios visuais de práticas linguísticas, como o uso de gírias, regionalismos, marcas identitárias e registros

gráficos presentes em cartazes, placas, grafites e outros suportes textuais. Esses elementos visuais, quando analisados em conjunto com dados linguísticos, contribuem para uma compreensão mais ampla das relações entre linguagem, cultura e sociedade.

Nesse contexto, este trabalho se propõe a analisar como a fotografia pode funcionar como registro sócio-histórico de comunidades quilombolas, particularmente de Lagoa do Zeca (Canarana, Bahia), e ao mesmo tempo contribuir para o fortalecimento da identidade e do reconhecimento das matrizes africanas dessas localidades (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b). A partir de uma abordagem interdisciplinar, que une história, cultura, memória visual e estudos sociolinguísticos de comunidades quilombolas, busca-se compreender de que forma os registros fotográficos promovem a valorização e perpetuação da rica herança cultural dessa comunidade, além de discutir o papel da fotografia como um importante documento que conta a sócio-histórica dessas comunidades étnicas.

Assim, essa temática é de suma importância para diversas áreas, como história, (socio)linguística, antropologia e contribui para o entendimento e valorização de aspectos fundamentais da sociedade e da cultura brasileira, em especial aquelas oriundas de matriz africana. Entre os principais motivos que tornam esse estudo relevante, está a preservação da memória histórica dessas comunidades para além dos dados orais, pois a fotografia atua como um registro visual de arquiteturas históricas, tradições e práticas que, em muitos casos, não são documentados em textos escritos e/ ou gravados – apesar de permanecerem vivas nas narrativas da comunidade. Para as comunidades quilombolas de forma geral, isso é especialmente vital, pois garante que suas histórias, identidades culturais, crenças, valores e saberes sejam preservadas e transmitidas para gerações seguintes, considerando que as práticas africanizadas são um parâmetro para a classificação dessas comunidades como afrodescendentes, nos termos de Santana, Araujo e Freitag (2018a, 2018b).

Esse fortalecimento da identidade cultural da compreensão da fotografia como documento histórico permite destacar a riqueza cultural da comunidade quilombola. Uma vez que essas imagens são expressões da resistência e resiliência desses grupos e ajudam a contar, a recontar e a reforçar a identidade coletiva, além de promover um orgulho cultural na comunidade – considerando que muitas não se reconhecem como quilombolas (Oliveira, 2017; Vieira; Oliveira, 2018; Silva, 2023; Silva; Almeida; Araujo, 2024); acrescente-se a isso o reconhecimento e a visibilidade dadas a essas comunidades. Dessa forma, entendemos que estudar e documentar as culturas, as crenças e as histórias da comunidade de Lagoa do Zeca por meio da fotografia pode contribuir para aumentar a visibilidade dessa população, que é

frequentemente marginalizada e abandonada pelo poder público. Portanto, esta pesquisa promove também reconhecimento e respeito pelos seus direitos e culturas.

Junto a isso, esta pesquisa apresenta uma contribuição significativa para o campo acadêmico da sociolinguística ao explorar a relação entre memória e identidade cultural em comunidades quilombolas por meio de registros visuais. Com isso, buscamos ampliar o entendimento sobre os aspectos linguísticos e culturais dessas comunidades, incentivando a produção de novos estudos que integrem a língua(gem) às dimensões culturais e históricas das comunidades de fala (Labov, 2008). Além de evidenciar a interdisciplinaridade característica das ciências humanas, este trabalho reforça a valorização das práticas culturais africanizadas das comunidades quilombolas (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b). Assim, não apenas enriquece o campo da sociolinguística, mas também contribui para a preservação e transmissão de histórias, culturas e tradições que poderiam ser esquecidas com esses registros, transformando realidades e promovendo o reconhecimento cultural dessas comunidades.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo geral *analisar como a fotografia contribui para a construção e preservação da identidade cultural da comunidade quilombola de Lagoa do Zeca, utilizando registros visuais como uma documentação sócio-histórica e como ferramentas de memória histórica e valorização cultural*. Desse, se desdobram os seguintes objetivos: i) compreender como a fotografia complementa e dialoga com as narrativas orais, fortalecendo o processo de transmissão de tradições e histórias; ii) discutir o impacto dos registros fotográficos na valorização cultural e no fortalecimento identitário da comunidade; iii) analisar fotografias históricas e contemporâneas da comunidade para identificar elementos de resistência cultural.

2 FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO SÓCIO-HISTÓRICO: UM OLHAR DA SOCIOLINGUÍSTICA

A fotografia, enquanto documento histórico, é uma poderosa ferramenta de memória coletiva e registro visual que narra histórias sobre diferentes dinâmicas de vida em sociedades passadas. Em vez de se limitar a meros retratos ou paisagens, a fotografia captura traços culturais, costumes e interações sociais que muitas vezes transcendem as palavras. Ao ser analisada sob a ótica da sociolinguística, essa relação entre fotografia e narrativa histórica ganha ainda mais profundidade, ao explorar como as imagens podem refletir e comunicar códigos culturais e identidades. Holanda (*apud* Albuquerque; Klein, 1987) contribui para o desenvolvimento dessa reflexão observando que “toda coleção de fotografias é um exercício

interessante de montagem da história. Uma fotografia, no caso, é um objeto que possui *status* pelas coisas identificadas e achadas como fragmentos de um mundo que já não existe [...]” (Holanda *apud* Albuquerque; Klein, 1987, p, 21).

A ideia de que uma coleção de fotografias é um “exercício de montagem da história” (Holanda *apud* Albuquerque; Klein, 1987, p, 21) ganha novos contornos quando interpretada pela sociolinguística. Cada imagem funciona como uma “narrativa visual” que comunica, de forma não verbal, os traços culturais e linguísticos de um mundo heterogêneo não apenas do ponto de vista da língua. Assim como a oralidade conecta narrativas e memórias em comunidades, as fotografias criam pontes simbólicas entre épocas, mostrando fragmentos históricos que refletem identidades e contextos sociais.

Assim, a proposta de uma articulação entre sociolinguística e documentação fotográfica oferece uma perspectiva inovadora no trabalho com comunidades quilombolas, pois pensamos sobre a importância do registro e da análise das práticas sociais desses grupos, tendo em vista o reconhecimento da existência de práticas [+africanizadas], apresentado por Santana, Araujo e Freitag (2018a, 2018b). Esse parâmetro é um desdobramento da proposta de Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) que classificam as comunidades afrodescendentes a partir de dois taços [±isoladas], [+afrodescendentes].

Pensando em questões identitárias, Santana, Araujo e Freitag (2018a, 2018b) ampliam esses critérios e apresentam o conjunto de quatro parâmetros: [±isoladas], [+afrodescendentes], [+africanizadas] e [+escravocrata]. No âmbito dos estudos sociolinguísticos, essa expansão de novos critérios tem se mostrado relevantes para a descrição e análise de práticas sociais e linguísticas (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b; Silva, 2023; Silva; Almeida; Araujo, 2023). O parâmetro [±isoladas] – problematizado por Lemos (2023) – refere-se ao grau de contato que a comunidade mantém com centros urbanos e outras comunidades, sendo que aquelas mais isoladas tendem a preservar traços linguísticos e culturais mais arcaicos devido a menor influência externa (Lucchesi; Baxter; Ribeiro, 2009; Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b).

Para Lemos (2023), essa noção de isolamento não reflete mais a atual realidade social brasileira, uma vez que as comunidades quilombolas, muitas vezes vistas como isoladas, passaram por transformações significativas nos últimos anos, principalmente com a expansão dos meios de comunicação e o aumento da conectividade, o que impossibilita caracterizá-las como espaços absolutamente fechados. Inspirada em Bortoni-Ricardo (2021), ela propõe a substituição da ideia de isolamento pela noção de *continuum* entre redes sociais mais isoladas e mais integradas, reconhecendo que há diferentes graus de contato e interação com o meio

urbano. Assim, Lemos (2023) defende que a terminologia “isolada” é metodologicamente inviável, pois ignora as mudanças sociais e a diversidade de vínculos presentes nessas comunidades, exigindo uma nova perspectiva na análise sociolinguística com relação a esse fator.

O parâmetro de [+afrodescendente] diz respeito à ascendência majoritariamente africana da população, fator que impacta diretamente a configuração sociocultural e linguística dessas comunidades (Lucchesi; Baxter; Ribeiro, 2009; Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b). A noção de [+africanizada] de Santana, Araujo e Freitag (2018a, 2018b) não se limita, contudo, à origem étnica, mas indica a preservação ativa de práticas culturais, religiosas, sociais e linguísticas de matriz africana no cotidiano comunitário, funcionando como marcador de resistência identitária. Por fim, o parâmetro [+escravocrata] aponta para a continuidade das relações sociais e econômicas derivadas do sistema escravocrata do Brasil Colônia, ainda perceptíveis nas formas de organização do trabalho, nas hierarquias sociais e nas dinâmicas de poder, moldando profundamente as estruturas de fala e as práticas sociais observáveis.

Por esse fatores, é muito importante resgatar aspectos geográficos, históricos, sociais e culturais dessas comunidades, por meio de diferentes registros, para entendermos melhor como se deu a formação delas enquanto comunidades (de fala). Além disso, a compreensão da origem afro-brasileira desses grupos é essencial, considerando principalmente a preservação de tradições trazidas da África (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b). Considerando isso, entendemos que, dentro das comunidades quilombolas, a fotografia pode exercer um papel vital tanto para documentar a história dessas localidades quanto para reforçar suas identidades linguísticas e socioculturais, pois cada imagem capturada nesses espaços é carregada de significado e camadas culturais que traduzem valores, tradições e formas de resistência.

A sociolinguística, ao abordar como a linguagem está relacionada ao contexto social, amplia a nossa compreensão sobre diferentes formas de expressão e registro, nos permitindo entender a fotografia como um reflexo da “linguagem visual”, dotada de estruturas, sentidos e intencionalidades, como demonstrou Koutsoukos (2020) em sua análise dos zoológicos humanos. Em comunidades quilombolas onde a oralidade desempenha um papel crucial na preservação da memória, as imagens muitas vezes dialogam com as histórias e narrativas contadas verbalmente – mas que tem sido sistematicamente abandonada pelas análises variacionistas. Assim, entendemos e assumimos que a fotografia complementa e amplifica esses relatos orais, fornecendo uma “linguagem” alternativa que atravessa barreiras temporais e espaciais, preservando práticas socioculturais ameaçadas de apagamento.

Essa compreensão orienta a nossa articulação entre sociolinguística e documentação fotográfica, oferecendo uma perspectiva crítica e inovadora para o registro e análise das práticas sociais de comunidades quilombolas, especialmente no que se refere ao parâmetro de [+africanizada] (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b). Norteados pelos princípios labovianos sobre a comunidade de fala e heterogeneidade estruturada (Labov, 2008), incorporando a noção de fotografia como documentação histórica (Albuquerque; Klein, 1987; Koutsoukos, 2020), podemos entender a fotografia não apenas como ilustração, mas como evidência de práticas sociais, linguísticas e culturais de comunidades afro-brasileiras.

Isso se sustenta também na importância do parâmetro [+africanizada] (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b) e na necessidade de uma documentação visual das comunidades afro-brasileiras com o objetivo de demonstrar como essas comunidades fazem a manutenção ativa de práticas culturais, religiosas e sociais de matriz africana em seu cotidiano. Esse fator, mais do que a ascendência étnica, impacta diretamente a preservação e a configuração das variedades locais, especialmente em contextos rurais e relativamente isolados (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b; Lemos, 2023; Silva, 2023; Silva; Almeida; Araujo, 2024).

As práticas africanizadas dessas comunidades remanescentes de quilombos são muitas vezes inviabilizadas nos registros escritos e orais, uma vez que, enquanto elementos visuais, só podem ser documentadas visualmente pela fotografia, que capta enquadramento dos corpos, dos gestos, das vestimentas e dos atos das celebrações e rituais, além dos espaços comunitários – fragmentos de um universo social em constante permanência e transformação. Nesse sentido, entendemos que fotografar não é apenas capturar imagens, mas documentar práticas socioculturais como expressões visíveis da comunidade de fala em ação, sendo que essas práticas são fundamentais para entender como a língua muda e se preserva, pois a mudança é sempre socialmente motivada e socialmente avaliada (Labov, 2008).

Para Albuquerque e Klein (1987) e Koutsoukos (2020), a fotografia deve ser tratada como um documento que exige crítica interna e externa, ou seja, para as autoras, é fundamental que se indague: Quem fotografou? Como o momento foi enquadrado? Quais práticas sociais são visíveis e, mais importante, quais são invisibilizadas? Quais relações de poder são sugeridas pela disposição dos corpos e dos objetos do espaço? Para uma análise sociolinguística de práticas culturalmente africanizadas, a fotografia deve ser tratada como um registro situado e carregado de sentidos sociais que representam a comunidade de fala. Nesse contexto, é fundamental indagar: *Quem realiza o registro* fotográfico e a partir de qual posição discursiva ou ideológica? De que modo os elementos culturais de matriz africana, como gestos, rituais, expressões corporais ou objetos simbólicos, são enquadrados ou marginalizados na imagem?

Quais práticas sociolinguísticas são visibilizadas como legítimas ou centrais e quais são relegadas à periferia visual? Quais hierarquias sociais e étnicas são reforçadas ou ocultadas pela disposição dos elementos na fotografia? Como o registro visual se articula com a oralidade e com os modos de transmissão a memória nas comunidades?

Na próxima seção, retomaremos essas indagações orientados pela perspectiva da sociolinguística (Labov, 2008; Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b) e ancorados na leitura da fotografia como documento sócio-histórico (Albuquerque; Klein, 1987; Koutsoukos, 2020). Propomos essa análise a partir de registro visuais produzidos pelo próprio pesquisador na comunidade Lagoa do Zeca (Canarana, Bahia) tendo em vista os parâmetros [+africanizada], conforme proposto em Santana, Araujo e Freitag (2018a, 2018b) e analisado em Silva (2023) e Silva, Almeida e Araujo (2024) – com relação à comunidade quilombola Mussuca (Laranjeira, Sergipe).

3 FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA EM LAGOA DO ZECA (CANARANA, BAHIA)

As práticas das comunidades quilombolas indicam que o gesto, o espaço e a materialidade das coisas comunicam saberes ancestrais. Assim, a fotografia torna-se um instrumento privilegiado de registrar essas práticas, que podem ser atividades agrícolas, redes de solidariedades mútuas, celebrações religiosas ou mesmo disposição espacial das moradias. Dessa forma, ao examinar as fotografias como arquivos visuais de práticas comunitárias desses grupos, buscamos fornecer pistas visuais que nos ajudem a entender a constituição e manutenção dessas comunidades linguísticas.

Assim, nos propomos a entender, amparados na perspectiva variacionista (Labov, 2008), a fotografia como uma extensão da metodologia de observação sociolinguística, pois ela documenta, visualmente, os parâmetros que definem a comunidade como remanescente de quilombo, expandido as informações que aparecem nas clássicas gravações da sociolinguística. Nesses outros registros, a fotografia pode evidenciar a manutenção de práticas que favorecem a conservação de traços linguísticos afrodescendentes. Portanto, a partir das imagens, é possível mapear práticas socioculturais que indicam não apenas a continuidade histórica, mas também a capacidade da comunidade de resistir, recriar e reafirmar suas identidades.

A Escolha do povoado de Lagoa do Zeca, localizado no município de Canarana (Bahia), como objeto de estudo se deu por diversos motivos que envolvem tanto aspectos pessoais, quanto acadêmicos e sociais. Essa escolha surgiu a partir de uma conexão afetiva com o

território, já que, enquanto pesquisador e morador da localidade, tenho vivências que me aproximam da realidade local e me despertam interesse em compreender mais profundamente os modos de vida, os desafios e as potencialidades dessa comunidade. Além disso, acredito que esse trabalho pode ter um papel transformador, não apenas como um exercício acadêmico, mas como uma ferramenta que contribua para o fortalecimento da comunidade. Através da pesquisa, é possível propor reflexões e levantar dados que sirvam de base para futuras ações sociais, projetos comunitários ou políticas públicas voltadas para o desenvolvimento local.

Lagoa do Zeca representa um exemplo significativo da riqueza cultural e da resistência das comunidades rurais do semiárido baiano. Ao mesmo tempo, é um espaço que ainda carece de maior visibilidade acadêmica, o que torna a pesquisa relevante para contribuir com o registro e a valorização da história local. A escassez de estudos sobre o povoado reforça a importância de dar voz a seus moradores, reconhecendo suas práticas, saberes e formas de organização social. Portanto, a escolha de Lagoa do Zeca é também um gesto de compromisso social, é uma forma de reconhecer a importância das pequenas comunidades na construção da identidade brasileira e de valorizar aqueles que, mesmo distantes dos grandes centros urbanos, mantêm viva a cultura, a solidariedade e a esperança de dias melhores.

3.1 DOCUMENTAÇÃO VISUAL DAS PRÁTICAS CULTURAIS E SOCIAIS

As fotografias apresentadas nesta subseção foram registradas pelo pesquisador, Paulo Pereira da Silva, que possui vínculo com a comunidade e com os moradores, mediante autorização das pessoas fotografadas. Embora a pesquisa não tenha sido submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), tal decisão se deu em razão do tempo destinado ao seu desenvolvimento, que foi de um semestre – o que inviabilizou a tramitação ética dentro dos prazos institucionais –; contudo, seguimos os princípios éticos fundamentais, assegurando a preservação da identidade dos participantes e minimização dos riscos para os mesmos. Antes de cada registro fotográfico, obtivemos consentimento explícito dos participantes, garantindo que todas as pessoas estivessem cientes e confortáveis com a finalidade das imagens, que também foi explicitada. Com esse procedimento, reiteramos, assim, nosso compromisso de uma atuação ética e respeitosa no âmbito da pesquisa, que valoriza a privacidade e a autonomia dos participantes, assegurando que cada fotografia resulte de um processo transparente e responsável.

Além disso, destacamos que este trabalho se alinha e pretende contribuir com as atividades e produções do projeto Estudos Linguísticos e Históricos do Sertão (ELiHS), que, no processo de mapeamento das comunidades afro-brasileiras do Território de Identidade de Irecê, prevê que sejam feitos registros fotográficos dessas localidades (Lemos, 2023; Lemos *et al.*, 2024). Com isso, buscamos fortalecer as atividades do ELiHS de maneira interdisciplinar e reassumimos o compromisso de Lemos (2023) com o registro e a valorização das práticas culturais e sociais das comunidades envolvidas.

Entre os dias 15 e 22 de maio, estive presente na comunidade de Lagoa do Zeca com o objetivo de realizar registros fotográficos voltados à valorização da cultura local. Durante esse período, pude acompanhar de perto o cotidiano dos moradores, suas tradições, expressões artísticas, práticas religiosas e modos de vida que compõem a identidade única da comunidade. Através da fotografia, busquei captar não apenas imagens, mas também sentimentos, histórias e memórias que refletem a riqueza cultural de Lagoa do Zeca. Cada registro foi feito com respeito e sensibilidade, procurando evidenciar a beleza e a força das manifestações populares que resistem ao tempo e às transformações sociais.

3.1.1 Alimentação e saberes tradicionais

As figuras apresentadas nesta subseção documentam práticas alimentares, relacionando plantas, saberes tradicionais e técnicas de preparo, com forte indício de afrodescendência no contexto do sertão baiano.

Imagem 1: Fruto e folhas do juá



Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

Historicamente o juá, na imagem 1, é conhecido por seus múltiplos usos alimentares e medicinais. Segundo Silva (2020), essa é, juntamente com outras presentes no bioma da caatinga, uma árvore emblemática, tendo com uma das suas principais características a resistência aos períodos mais secos do ano, mantendo suas folhas que geram “sombra e aliviando as altas temperaturas do sertão. Além disso, seu fruto é muito apreciado pelo sertanejo, visto que seu consumo se dá de diversas formas, até mesmo como alimentação animal” (Silva, 2020, p. 68).

Na comunidade, o fruto era ingerido de forma natural ou usado em bebidas fermentadas, enquanto suas folhas e cascas serviam para tratamentos medicinais e higiene bucal. Além disso, ele tem importância cultural, sendo utilizado em rituais de purificação e proteção. Atualmente, os moradores da comunidade de Lagoa do Zeca não consomem o juá como seus ancestrais, porém, a importância desse fruto é reconhecida por todos da comunidade. Assim, de acordo com as narrativas dos moradores, podemos entender que o jua é um marcador cultural das práticas alimentares de afrodescendentes no sertão baiano. Apesar de hoje não ser amplamente consumido na região, permanece como símbolo de um conhecimento ancestral. Nos termos de Santana, Araujo e Freitag (2018a, 2018b), assumimos que a resistência dessa fruta na

comunidade Lago do Zeca e a sua utilização pelos moradores, inclusive como ato ritualísticos para purificação, evidencia elementos de um prática [+africanizada].

As imagens 2 e 3 mostram a folha de palma nova e o preparo do cortado, alimentos consumidos até os dias de hoje pelo os moradores da comunidade.

Imagem 2: Folha de palma



Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

Imagem 3: Produção do cortado de palma

Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

Na prática alimentar dos moradores, apenas a palma nova pode ser consumida por humanos; a folha de palma quando fica velha não é recomendada para pessoas, servindo apenas para alimentação animal. O cultivo e o consumo da palma podem ter sido uma prática de resistência dos africanos e afrodescendentes que ocuparam os sertões baianos, considerando a realidade dos biomas brasileiros. Essa prática indica um processo de ressignificação das práticas tradicionais diante de novas realidades ecológicas.

Além disso, a distinção entre a palma nova, comestível, e a velha, não recomendada para consumo humano em razão dos efeitos colaterais, é resultado de um saber empírico tradicional, passado oralmente. Nesse contexto, como demonstra a imagem 3, o consumo do cortado de palma é um exemplo de como a alimentação cumpre um papel de resistência e transmissão de memória cultural. O cortado de palma é feito com folhas jovens cortadas em pedaços e temperadas com iguarias locais. Sua preparação envolve técnicas ancestrais, passadas por gerações, e está vinculada tanto ao cotidiano quanto a celebrações. O prato, portanto, é um

exemplo claro de como práticas alimentares são constituídas como rituais de memória coletiva, vinculando alimento, afeto e história.

O registro fotográfico das imagens 2 e 3 contribue para o mapeamento dos saberes locais e da importância da manutenção das práticas alimentares locais a partir da atuação das mulheres na Lagoa do Zeca. Além disso, transcende o caráter ilustrativo ao capturar um momento de “ação cultural”, na imagem 3, funcionando como um documento visual das práticas [+afrodescendentes] da comunidade (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b), pois, além de manter as tradições, utilizando especiarias e técnicas transmitidas por gerações, o prato também está presente em celebrações e encontros familiares, reforçando os laços culturais e comunitários.

3.1.2 Arquitetura tradicionais e memória construída

É fundamental entender que a arquitetura das comunidades tradicionais não é apenas funcional, mas um testemunho histórico e um marcador cultural, refletindo práticas, técnicas e valores que atravessam gerações. As imagens 4, 5 e 6 são representações materiais da resistência afrodescendente da Lagoa do Zeca, bem como da sua autonomia e ancestralidade viva.

Imagem 4: Casa feita de barro



Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

Imagem 5: A mesma casa feita de barro vista de outro angulo



Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

As imagens acima mostram uma casa feita, pelo próprio dono da propriedade, com técnicas tradicionais da região. Ele aprendeu a construir esse tipo de casa com seu pai e seu avô quando ainda era criança, revelando um processo de transmissão intergeracional de saberes. Hoje ele tem 82 anos e foi o último construtor desse tipo de moradia na família. Casas construídas assim representam o que podemos chamar de “arquitetura da ancestralidade”, uma vez que é um tipo de moradia que pode ter sido adaptada, a partir das condições materiais, pelos cativos. Essa arquitetura é, portanto, uma forma de resistência à modernização imposta, à precarização do espaço rural e à exclusão e à folclorização da cultura sertanista e afrodescendentes.

Nas comunidades quilombolas do território, as casas construídas com a utilização de barro, madeira e palha são comuns e uma expressão da resistência e, possivelmente, da tradição dos povos afrodescendentes. Construídas com técnicas ancestrais, essas moradias utilizam materiais naturais como barro, madeira e palha, garantindo conforto térmico e sustentabilidade. Além de serem um símbolo da identidade cultural, as casas de barro representam a conexão com a terra e a valorização dos conhecimentos transmitidos por gerações.

Segundo relatos dos moradores, a casa da imagem 6 pertenceu a um dos primeiros moradores da região, um liberto que buscou dignidade e acolhimento na localidade hoje denominada Lagoa do Zeca. Posteriormente, a casa se transformou no primeiro açougue da comunidade.

Na narrativa oral da comunidade Lagoa do Zeca, a casa foi de um dos primeiros moradores da Lagoa do Zeca. Narram os mais velhos que ele chegou à localidade com uma idade já avançada e falava que tinha comprado sua liberdade, e que veio sem rumo para uma nova terra para construir sua casa e ter um final de vida digna. Esse homem faleceu anos depois e sua casa ficou para um rapaz que cuidou dele em sua velhice, se tornando, depois, o primeiro açougue da comunidade; hoje ela está abandonada. A preservação dessa casa é um exemplo de documento vivo da memória (Koutsoukos, 2020) e a sua reutilização como açougue mostra a reconfiguração dos espaços e a transformação do legado em práticas coletivas, reiterando o dinamismo das tradições.

Figura 6: Uma das casas mais antigas da comunidade quilombola de lagoa do Zeca



Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

A casa da imagem 6 pode ser analisada como um importante registro de mobilidade social afrodescendente no pós-abolição, evidenciando o parâmetro de [+afrodescendente] e, possivelmente, [+escravocrata], e de como os espaços construídos carregam camadas simbólicas de resistência. A arquitetura, nesse contexto, não é apenas uma forma física, mas uma narrativa materializada, elo entre o passo escravocrata e a luta por dignidade e permanência no território.

3.1.3 Religiosidade popular e objetos de fé

As religiosidades das comunidades quilombolas se caracteriza pelo sincretismo, pela oralidade e pela reinvenção de práticas católicas. Os objetos, mais do que símbolos espirituais, operam como marcadores identitários, instrumentos de resistência cultural e memória coletiva. As imagens 7 e 8 capturam expressões visuais da fé dos moradores da Lagoa do Zeca, revelando práticas cotidianas dentro do contexto de um catolicismo popular, herdeiro do sincretismo dos cativos (Silva; Araujo; Santiago, *no prelo*).

Imagem 7: Lapinha

Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

Figura 8: Crucifixo

Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

Atualmente, em Lagoa do Zeca, existe apenas uma moradora que produz as lapinhas, que são uma expressão cultural profundamente ligada ao catolicismo popular na região. Essa comunidade quilombola tem uma história marcada pela resistência e pela preservação das raízes africanas, refletidas nas manifestações culturais e religiosas locais. No caso da imagem 7, a lapinha não é apenas um símbolo do catolicismo popular, mas também um exemplo de reconfiguração das práticas religiosas herdadas da colonização e adaptadas à realidade e à cosmovisão das comunidades afrodescendentes. A lapinha, compreendida como um espaço de ritual doméstico, onde o sagrado e o cotidiano se entrelaçam, mantém viva a tradição que vai além de uma liturgia oficial, podendo ser indício de um traço [+africanizado] (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b; Silva; Araujo; Santiago, *no prelo*). Portanto, a imagem 7 registra não apenas um artefato religioso, mas uma prática em extinção, já que apenas uma moradora atua como testemunho da continuidade simbólica de um costume que articula fé, ancestralidade e expressão comunitária.

A imagem 8 mostra um crucifixo que é colocado na parede de casa, refletindo uma crença que vem dos antigos moradores do povoado, que acreditavam que a casa que tivesse o crucifixo iria ficar protegida. Esse pensamento vem dos primeiros católicos do povoado, que colocavam os crucifixos nas paredes para que as entidades africanas não entrasse nas casas. Essa crença revela uma tensão entre o catolicismo ortodoxo herdado do período colonial e os cultos de matriz africana que sobreviveram na oralidade da comunidade.

3.1.4 Artefatos de usos comuns

Na vida cotidiana das comunidades quilombolas do sertão baiano, aparecem objetos associados às suas práticas diárias e ao trabalho comunitário, que parecem indicar uma ascendência em comum, como a cabaça, o moinho e o pote de barro, objetos com valor simbólico e funcional. Portanto, as imagens 9, 10 e 11 ilustram artefatos que carregam camadas de sentido que extrapolam sua funcionalidade, funcionando como expressões materiais da cultura, da organização social e dos saberes ancestrais de um povo.

Figura 8: Cabaça

Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

A imagem 9 mostra uma cabaça, que é um objeto, que foi e ainda é muito usado na comunidade de Lagoa do Zeca, além de um reservatório de alimento, a cabaça seca, serve para diversas coisas, como por exemplo, utilizar na produção de berimbau, outra forma que era e é bastante usada é como jarras e pratos, que eram utilizados para ajudar a alimentar animais de pequeno porte como galinhas, cabras, ovelhas e porcos, as cabaças são usadas até hoje na comunidade, por isso simbolizam uma herança cultura africana muito grande na localidade.

O uso desse utensílio revela uma lógica de sustentabilidade e aproveitamento total de recursos naturais, uma característica marcante das culturas afrodescendentes tradicionais. Além disso, é um objeto que participa da cultura simbólica e material, pois serve para alimentação, práticas de rituais e até para musicalidade, sendo, portanto, um elo entre natureza, trabalho e espiritualidade. O registro fotográfico desse utensílio busca preservar um saber funcional e simbólico, uma vez que esse objeto corre o risco de desaparecer pela modernização dos utensílios domésticos.

Figura 10: Moinho

Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

A imagem 10 mostra um moinho manual utilizado para triturar grãos principalmente de milho, feijão e outros. Esse é um artefato bastante comum na comunidade de Lagoa do Zeca e ajuda na alimentação e na economia das famílias do povoado. Ele representa a lógica do trabalho comunitário e da economia solitária, sendo, portanto, mais que um artefato, funcionando como testemunho de um modo de vida autônomo das comunidades quilombolas, baseado na agricultura familiar (Silva; Araujo; Santiago, *no prelo*) e no uso de tecnologias simples, porém eficazes. O registro desse moinho indica uma forma de organização econômica social, na comunidade Lagoa do Zeca, marcada pela coletividade e pela manutenção de técnicas produtivas locais, comum em comunidades rurais.

Figura 11: Pote de barro



Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

Na imagem 11, temos um pote de barro, usado para armazenar água para consumo humano. Essa espécie de jarra é muito comum em Lagoa do Zeca, diversas casas possuem esse tipo de utensílio e muitos deles são heranças que os primeiros moradores deixaram para seus filhos, como no caso do pote da imagem 11 que existe há mais de cem anos, segundo o morador que o possui. Nesse contexto, esse pote representa memória e continuidade, funcionando como herança familiar e tecnologia ancestral. Sua função de preservar água fresca demonstra saberes empíricos refinados, ignorados, muitas vezes, por uma lógica urbana e industrial.

Além disso, seu caráter transmissível, passado de geração para geração, insere esse artefato no campo do patrimônio imaterial, ligado à afetividade, ao cuidado e à memória doméstica. Com isso, pode ser compreendido como um elemento que indica a [+afrodescendência] da comunidade (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b).

3.1.5 Festividade popular dos Caretas

A tradicional Festa dos Caretas acontece em diversas cidades do Território de Identidade de Irecê além de Canarana (Sodré; Couto; Santos, 2020), bem como em outros estados (Barreto, 2019). Essa é uma festividade popular profundamente enraizada na memória, na religiosidade popular e nas expressões coletivas de identidade. Recentemente, a Universidade do Estado da Bahia, por meio do Programa de Arte e Cultura (PROARTE), financiou a produção do webdocumentário *Luz, câmera e “caretas”*: produção de webdocumentário sobre a tradicional folia do município de Canarana-Ba (Universidade..., 2024; Subrinho *et al.*, 2025¹).

A imagem 12 representa a realização da festa dos Caretas em Lagoa do Zeca e pertence não ao acervo do pesquisador, mas ao do ELiHS. Essa festa é uma referência representativa da manifestação cultural no território, considerando que ela acontece na sede de Canarana e de outros municípios, como Lapão (Sodré; Couto; Santos, 2020), e nas comunidades que compartilham elementos simbólicos, estéticos e rituais em comum (Barreto, 2019).

Figura 12: Festa dos Caretas em Lagoa do Zeca



Fonte: Acervo do ELiHS (2025).

A imagem 12 mostra a tradicional Festa dos Caretas com elementos visuais impactantes: grandes máscaras cênicas de feições exageradas e expressão grotesca. A folia é marcada como uma manifestação carnavalesca, atravessada pela irreverência, transgressão e teatralização do grotesco. O uso de máscaras gigantes evoca o “estranhamento”, típico de festas de matriz

¹ Até a finalização deste texto, o vídeo não estava ainda disponível para acesso público.

ibérica, ressignificado com elementos locais e afrodescendentes – uma prática [+afrodescendente] da comunidade (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b).

Essa festa, segundo os moradores, relembra a libertação dos cativos, o que indica que ela não é apenas um espetáculo ou folclore, mas a expressão de uma memória viva dos descendentes. Junto a isso, as máscaras funcionam como um dispositivo temporário de transgressão e também de resistência simbólica, preservando práticas culturais marcadas pela cultura africana e religiosidade nordestina. Conforme comenta Barreto (2019), a Festa dos Caretas, ao ocupar as ruas com seus cortejos e suas caretas, revivifica elementos essenciais da memória coletiva, funcionando como rituais de pertencimento, atualização histórica e reforço identitário.

Outra manifestação cultural muito significativa – e [+africanizada], [+afrodescendente], nos termos de Santana, Araujo e Freitag (2018a, 2018b) – na Lagoa do Zeca é o caruru ou *cariru*. Mais do que um prato típico da culinária baiana, ela representa um elo entre tradição, religiosidade e identidade afrodescendente. Na comunidade, o caruru é preparado e celebrado nos dias 07, 17 e 27 de setembro, como parte das celebrações em homenagem a São Cosme e São Damião – santos sincretizados com os Ibejis nas religiões de matriz africana. Durante a festividade, as famílias praticantes se reúnem para preparar o prato à base de quiabo, amendoim, carne de bode, porco ou de gado no lugar do camarão seco; os outros ingredientes não são encontrados com facilidade na comunidade, como azeite de dendê, castanha de caju, e por isso são substituídos seguindo receitas transmitidas oralmente ao longo das gerações.

Os pratos são feitos durante o dia, porém, a refeição é servida apenas à noite, quando os tocadores vão nas casas para visitar e fazer orações e rezas. Os moradores da comunidade acreditavam que os tocadores traziam coisas boas como saúde, riquezas, e o que eles queriam ou precisavam, sendo a comida uma forma de agradecimento. Nesse contexto, de forma curiosa, as crianças são obrigadas a comer no chão e com a mão, como uma forma de respeito aos mais velhos. Portanto, além do aspecto gastronômico, o caruru é um ritual de resistência cultural, reafirmando a ancestralidade da comunidade quilombola (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b). A festa envolve cantos, danças e rezas, fortalecendo os laços comunitários e preservando a memória dos antepassados. A oralidade desempenha um papel essencial, pois os mais velhos compartilham histórias sobre a origem da tradição e sua importância para a identidade quilombola.

Assim, o caruru em Lagoa do Zeca não é apenas uma refeição, mas um símbolo de resistência, identidade e pertencimento, reafirmando a importância da cultura afro-brasileira na construção da história da comunidade quilombola (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b).

Embora a fotografia seja importante para registrar esse evento, não foi possível obter registros fotográficos, pois não era data das celebrações, e, além disso, os praticantes não autorizam registros fotográficos por questões de fé.

3.2.6 Linguagem visual e marcas de escrita

Além das fotografias analisadas nas subseções anteriores, a imagem 13 nos chamou a atenção ao transitarmos na comunidade. A frase “PRO JOGA LIXO” trata-se de uma forma abreviada da expressão normativa “PROIBIDO JOGAR LIXO”.

Imagem 13: Forma de escrita encontrada em via pública



Fonte: Registro fotográfico do autor (2025).

Essa abreviação pode ter acontecido por diversas formas, uma hipótese é que a população local abreviou a escrita dessas palavras devido à sua complexidade. Sob a perspectiva da Sociolinguística, essa forma abreviada revela o princípio de que a língua é variável e sensível aos diversos contextos (Labov, 2008). A simplificação morfossintática ("pro" no lugar de "proibido") pode ser entendida como uma tentativa de replicar a oralidade no espaço gráfico, resultado de uma prática linguística cotidiana influenciada pela fala. No entanto, não temos outros registros que fundamentem melhor essa análise.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo principal compreender a fotografia como uma ferramenta de documentação sócio-histórica e como meio de valorização da identidade cultural de comunidades quilombolas, particularmente da Lagoa do Zeca (Canarana, Bahia), tendo em vista a agenda do projeto ELiHS. Partindo de uma abordagem fundamentada na sociolinguística (Labov, 2008; Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b), foi possível demonstrar que os registros fotográficos produzidos não apenas capturam imagens, mas constituem evidências visuais de práticas sociais marcadas, predominantemente, pela africanidade e pela afrodescendência (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b).

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que a fotografia, longe de ser um mero ilustrativo, podem desempenhar um papel ativo na preservação da memória coletiva das comunidades em questão. Cada imagem analisada aqui revelou fragmentos de um mundo social em constante transformação, mas profundamente enraizado em práticas culturalmente africanizadas e afrodescendentes (Santana; Araujo; Freitag, 2018a, 2018b). E, como indicam Santana, Araujo e Freitag (2018a, 2018b), tais práticas são elementos fundamentais para a caracterização dessas comunidades como [+africanizadas] e, por isso, merecem atenção da teoria.

Nesse sentido, reforçamos a contribuição da fotografia como recurso metodológico para a sociolinguística, ainda pouco explorando, mas promissor. Se, para Labov (2008), as práticas linguísticas são socialmente motivadas e avaliadas, demonstramos, neste trabalho, a partir de Santana, Araujo e Freitag (2018a, 2018b), que as práticas sociolinguísticas precisam estar também visualmente materializadas e registradas, principalmente no que se referem aos parâmetros de [+africanizadas] e [+afrodescendentes]. Nesse sentido, a fotografia, enquanto documento sócio-histórico, pode revelar aspectos da comunidade de fala que não são aptáveis por meio de entrevistas e gravações orais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marli Brito M.; KLEIN, Lisabel Espellet. Pensando a fotografia como fonte histórica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, jul.-set. 1987.

BARRETO, Anderson Sousa. **Festas e caretas para Judas no Agreste Central Sergipano: história, memória e sociabilidades**. Artigo (Licenciatura em História). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Zoológicos humanos: gente em exibição na era do imperialismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEMOS, Dayane Moreira. **ELIHS, um projeto para além do litoral: da constituição de corpus oral de comunidades afro-brasileiras à análise estatística da variação na concordância nominal de número na variedade da comunidade afro-brasileira de Volta do Angico (BA)**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

LEMOS, Dayane Moreira *et al.* Projeto ELiHS/UNEB: descrição metodológica da constituição das amostras de fala de comunidades rurais afro-brasileiras do Território de Irecê. *In: SILVA, Jacson Balduino et al. (org.). Diversidade linguística e práticas discursivas no contexto brasileiro*. Tutóia: Editora Lupa, 2024. p. 11-38.

OLIVEIRA, Iris Verena. Ser quilombola: práticas curriculares em educação do campo. **Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 26, n. 49, p. 139-154, mai./ago. 2017.

SANTANA, José Humberto dos Santos; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. Documentação do Português Falado em Comunidades Rurais Afro-Brasileiras de Sergipe: Patrimônio e Memória. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, nº 28, ano 17, p. 121-138, 2018a.

SANTANA, José Humberto dos Santos; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. Documentação do Português Falado em Comunidades Rurais Afro-Brasileiras de Sergipe: procedimentos metodológicos. **Papia**, São Paulo, n. 28, v. 2, p. 219-237, jul./dez. 2018b.

SILVA, Camila. **Juá: Linha de utensílios de cozinha com base na culinária e arte popular do sertão nordestino**. Monografia (bacharelado em Desenho Industrial). Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2020.

SILVA, Jacson Balduino. **Efeitos da mudança sintática na realização do sujeito pronominal no português da comunidade quilombola Mussuca**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

SILVA, Jacson Balduino; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. Os caminhos sócio-históricos da comunidade quilombola Mussuca (Laranjeiras/Sergipe). **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S. l.], v. 23, n. 46, p. 531–557, 2024.

SILVA, Jacson Balduino; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; SANTIAGO, Huda da Silva. Comunidades negras no sertão da Bahia: das fazendas ao quilombo do Maracujá. *no prelo*.

SODRÉ, Maria Dorath Bento; COUTO, Eliseu Pereira; SANTOS, Ana Paula Oliveira. Cultura popular e processos educacionais: saberes outros a partir da festa dos caretas de Corta Fação em Lapão – Ba. **Revista Vozes dos Vales**, Diamantina, nº 17, ano IX, mai. 2020.

SUBRINHO, Abinalio Ubiratan da Cruz *et al.* **Luz, Câmera, Caretas**: webDocumentário sobre a Tradicional Folia do Município de Canarana-BA. 2025. Vídeo.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Edital 029/2024 - PROARTE da UNEB**. Pró-Reitoria de Extensão (Proex), 2024.

VIEIRA, Rosane; OLIVEIRA, Iris Verena. Maracujá e poças: ações do FEL em comunidades quilombolas no Território do Sisal. *In*: EYSEN, Adriano (org.). **Tecendo manhãs**: educação, saberes e experiências no Território do Sisal. Itabuna: Mondrongo, 2018. p. 37-61.